

Sociedade em Tumulto

BIBLOS

REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

PARA UMA (RE)DEFINIÇÃO DA SUFIXAÇÃO NO PORTUGUÊS EUROPEU: A ADJUNÇÃO PROSÓDICA DO ENCLÍTICO'

RESUMO

Os pronomes enclíticos do Português Europeu apresentam propriedades tipicamente flexionais, mas bloqueiam regras fonológicas do domínio interno da palavra morfológica (Luís 2004, 2006). Este desencontro entre propriedades fonológicas e morfológicas tem sido interpretado por alguns autores como prova empírica do estatuto sintagmático ou pós-lexical dos referidos enclíticos (Vigário 2003, Anderson 2005). Estudos mais recentes, contudo, revelaram que os enclíticos constituem, na verdade, unidades lexicais, mais precisamente, sufixos flexionais. Logo, a não-aplicação de regras fonológicas situa-se forçosamente na componente morfológica. Em sintonia com esta hipótese, o presente artigo defenderá que o comportamento fonológico dos enclíticos não decorre do seu estatuto gramatical, mas antes do seu grau de integração prosódica.

No âmbito da teoria dos domínios prosódicos (Nespor&Vogel 1986, Selkirk 1995, Booij 1996), pretendo demonstrar que existem duas classes (prosodicamente distintas) de sufixos átonos: por um lado, *sufixos incorporados*, que integram lexicalmente na Palavra Prosódica através do processo de incorporação (ex.: os sufixos flexionais e derivacionais); por outro, *sufixos adjuntos*, que integram lexicalmente na Palavra Prosódica através do processo de adjunção (ex.: os enclíticos pronominais). O processo de adjunção posiciona os enclíticos fora do domínio interno da Palavra Prosódica mínima, ou seja, fora do domínio de aplicação das regras lexicais regulares, permitindo assim explicar os bloqueios fonológicos registados ao nível da sequência verbo-enclítico. **Palavras-chave:** palavras prosódicas, enclíticos, pronomes, sufixos, domínios prosódicos, adjunção, incorporação, morfofonologia.

ABSTRACT

Enclitic pronouns in European Portuguese exhibit a notoriously complex mismatch between their inflectional and phonological properties (Luís 2004, 2006). Enclitics pronouns behave morphologically like verbal suffixes, but

systematically violate typical word-internal phonology. To some, such phonological behaviour constitutes evidence in favour of the claim that enclitics are postlexical (i.e., phrasal) units (Vigário 2003, Anderson 2005). Closer observation of the data, however, reveals that enclitics behave morphologically like verbal suffixes, indicating that the phonological violations must be accounted for as lexical phenomena. I therefore argue that it is the degree of prosodic integration, rather than the level of prosodic attachment, that triggers the systematic non-application of regular word-internal phonological rules.

Adopting the prosodic domains theory (Nespor&Vogel 1986, Selkirk 1995, Booij 1996), I show that stressless suffixes in European Portuguese must be allowed to vary with respect to the way they integrate into the Prosodic Word: (a) regular suffixes (i.e., inflectional and derivational endings) *incorporate into the Prosodic Word* and (b) enclitic pronouns (e.g., -me, -te, -lhe, etc.) *adjoin to the Prosodic Word*. As adjoined suffixes, enclitics are positioned outside the inner Prosodic Word, namely outside the domain of application of the more regular word-internal phonological rules. This bipartite classification of stressless suffixes therefore nicely captures the complex mismatch between the phonology and morphology of enclitic pronouns.

Keywords: prosodic words, enclitics, suffixes, pronouns, prosodic domains, adjunction, incorporation, morphophonology.

1 Introdução

Este trabalho apresenta argumentos morfológicos e fonológicos em defesa de uma classificação bipartida dos sufixos átonos do Português Europeu (PE)¹. No âmbito da teoria dos domínios prosódicos, desenvolvida por Nespor&Vogel (1986), Selkirk (1995) e Booij (1996), argumenta-se a favor da existência de duas classes de sufixos: a classe dos *sufixos incorporados* (Vigário 2003) e a classe dos *sufixos adjuntos* (Luís 2006). Pertencem ao primeiro grupo os sufixos átonos mais comuns, como *-va* ou *-mos*, e ao segundo grupo os sufixos pronominais

¹ Uma versão anterior deste trabalho foi apresentada no 22^o *Encontro Anual da Associação Portuguesa de Linguística*, realizado em 2006, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Gostaria de agradecer a João Costa e a Marina Vigário pelos comentários no final da sessão. Ao longo da realização deste trabalho, beneficieei ainda das sugestões de Ricardo Bermúdez-Otero, Geert Booij, Baris Kabak, Anthi Reviathidou, Irene Vogel e Andrew Spencer. Qualquer incorrecção contida neste trabalho, no entanto, é da minha inteira responsabilidade.

-lha, -nos, -lhe, -te, entre outros, mais conhecidos como enclíticos pronominais.

Esta classificação de natureza prosódica assenta, em particular, no grau de integração prosódica dos referidos sufixos. Ilustrando esquematicamente com os exemplos em (1): os sufixos *-mos* e *-va*, contidos em (1a) e (1b), respectivamente, estão incorporados no domínio interno da Palavra Prosódica (ω). Já os enclíticos pronominais *-lhe* e *-nos*, em (1c) e (1d), respectivamente, estão separados pela fronteira prosódica ‘ $]_{\omega}$ ’, que se encontra situada entre o enclítico e a base verbal (cf. (1c-d)). O processo de adjunção tem como consequência remeter os enclíticos para o domínio recursivo da Palavra Prosódica, colocando-os fora do domínio da Palavra Prosódica mínima. É justamente a fronteira prosódica entre o verbo e o enclítico que, em meu entender, determina o comportamento fonológico dos enclíticos.

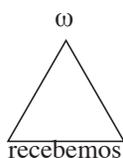
(1) Integração prosódica dos sufixos átonos

- a. [recebemos] $_{\omega}$
- b. [levava] $_{\omega}$
- c. [[pedimos] $_{\omega}$ -lhe] $_{\omega}$
- d. [[visitava] $_{\omega}$ -nos] $_{\omega}$

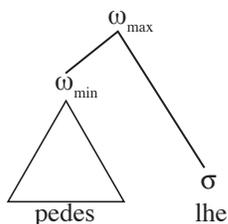
As duas configurações prosódicas encontram-se exemplificadas diagramaticamente em (2).

(2) Configurações da Palavra Prosódica (nível lexical)

- a. incorporação lexical de sufixos átonos



- b. adjunção lexical de enclíticos (sufixos) pronominais



A bipartição dos sufixos átonos aqui proposta vem contrariar uma premissa comum aos actuais trabalhos em fonologia e morfologia do Português, segundo a qual os enclíticos pronominais constituem unidades sintagmáticas, incorporadas no domínio da Palavra Prosódica (Vigário 2003, Anderson 2005). Os dados empíricos aqui mobilizados, no entanto, demonstram que os enclíticos pronominais devem ser tratados como sufixos verbais adjuntos, permitindo assim defender a distinção prosódica entre sufixos átonos *incorporados* e sufixos átonos *adjuntos*. Conforme referido anteriormente, a adjunção prosódica lexical decorre do facto de os enclíticos apresentarem traços claramente flexionais ao mesmo tempo que bloqueiam regras fonológicas do domínio interno da palavra morfológica (Leeuw 1997, Vigário 2003, Luís&Spencer 2003, Luís 2004, 2006).

Após um breve enquadramento teórico (secção 2), apresenta-se uma síntese dos trabalhos que anteriormente investigaram a integração prosódica de afixos átonos do Português Europeu (secção 3). A secção 4 alargará o *corpus* empírico através da inclusão de enclíticos pronominais que, como tenho vindo a defender, constituem uma nova classe de sufixos átonos. Com base em dados fonológicos, propõe-se então, na secção 5, a existência de sufixos incorporados e de sufixos adjuntos. Na secção 6, assinala-se a relevância desta nova classificação prosódica e adiantam-se algumas linhas de estudo para trabalhos futuros.

2 Relação entre estrutura morfológica e estrutura prosódica: enquadramento teórico

O comportamento fonológico dos afixos tem sido objecto de estudo, desde meados do século passado, em trabalhos como os de Chomsky&Halle (1968), Selkirk (1972), Siegel (1974), Kiparsky (1982), Aronoff&Shridar (1983), Mohanan (1986), entre outros. No centro do debate têm estado grupos de afixos que, apesar do seu estatuto inquestionavelmente morfológico, violam de forma sistemática regras fonológicas do domínio interno da palavra. Partindo da observação de que os afixos não apresentam necessariamente propriedades fonológicas uniformes, desenvolveram-se modelos de análise cujo objectivo consistiu em identificar critérios fonológicos para a classificação de afixos. Historicamente, Chomsky&Halle (1968) propõem a distinção entre afixos com fronteiras de morfema fracas (+) e afixos com fronteiras fortes (+ +), enquanto Siegel (1972) distribui os afixos por diferentes

níveis lexicais (Nível I vs. Nível II). Em Chomsky&Halle (1968), a aplicação de uma determinada regra fonológica está dependente das fronteiras de morfema inseridas pelo afixo. Uma regra será bloqueada sempre que o número de fronteiras associado ao afixo é inferior ou superior ao número de fronteiras exigido pela regra. Em Siegel (1972), por outro lado, entende-se que a selectividade fonológica dos afixos se deve ao facto de, tanto os afixos como as regras fonológicas, se encontrarem distribuídos por diferentes níveis lexicais.

Mais recentemente, a especificidade fonológica dos afixos tem sido investigada no âmbito da teoria dos domínios prosódicos (Nespor&Vogel 1986, Selkirk 1995, Booij 1996). Este quadro teórico, ao contrário dos anteriores, assenta no pressuposto de que as sequências linguísticas correspondem a constituintes prosódicos que, por sua vez, formam o contexto de aplicação de regras fonológicas. Assim, a aplicação de uma determinada regra fonológica será bloqueada sempre que a sequência linguística (afixo, palavra, sintagma, etc.) não satisfaça o contexto de aplicação da referida regra. É justamente no âmbito deste quadro teórico que me proponho investigar o comportamento fonológico dos sufixos átonos do Português Europeu, centrando a minha atenção num constituinte específico, isto é, a Palavra Prosódica (Peperkamp 1997, Hall 1999, Hall&Kleinhenz 1999, Vigário 2003).

A Palavra Prosódica (daqui em diante: PP) corresponde geralmente a uma palavra morfológica acentuada (cf. (3a)), podendo no entanto corresponder a unidades de dimensão superior ou inferior à palavra morfológica, como ilustram os exemplos (3b) e (3c). A atribuição do estatuto de PP depende efectivamente de um único factor, a acentuação.

- | | |
|---|--|
| (3) a. <i>casa</i> _N | a'. [casa] _ω |
| b. <i>de</i> _p <i>Maria</i> _N | b'. <i>de</i> [Maria] _ω |
| c. <i>rapidamente</i> _{Adv} | c'. [rapida] _ω [mente] _ω |
| d. <i>desorganizar</i> _v | d'. <i>des</i> [organizar] _ω |

Em (3b), a preposição *de* não pode corresponder a uma PP, porque não é portadora de acento lexical, ao contrário de *casa*, em (3a). Já o sufixo derivacional *-mente*, em (3c), corresponde a uma PP justamente porque constitui uma unidade portadora de acento. Também os afixos átonos, porque constituem unidades não-acentuadas, estão impedidos de formar uma PP, como ilustrado em (3d) (Peperkamp 1997, Hall 1997, Vigário 2003).

Estes exemplos permitem, pois, ilustrar dois contributos formais da teoria dos domínios prosódicos: a distinção entre a estrutura prosódica e a estrutura morfológica, por um lado, e a relação não-isomórfica entre ambas. A ausência de isomorfia define-se sucintamente da seguinte forma: uma unidade que goza de autonomia na componente morfológica pode não gozar de autonomia na componente prosódica (e inversamente). Comparando as estruturas prosódicas apresentadas em (3), podemos confirmar então que existe uma preposição *de*, em (3b), que apesar de constituir um morfema livre, necessita da proximidade fonológica de uma palavra acentuada. Inversamente, o sufixo *-mente*, apesar de morfológicamente dependente de uma base, caracteriza-se por ser prosodicamente autónomo.

Coloca-se agora a questão de integrar as unidades não acentuadas no domínio da PP e de identificar os diferentes graus de integração prosódica. É comum ‘fundir’ as unidades não-acentuadas com as unidades acentuadas, dando origem a PPs com configurações prosódicas distintas. No caso de palavras flexionadas ou derivadas, algumas das configurações prosódicas mais frequentemente associadas ao domínio da PP encontram-se ilustradas em (4).

- (4) a. [base sufixo]_ω
 b. [[base]_ω sufixo]_ω

- (5) a. [prefixo base]_ω
 b. [prefixo [base]_ω]_ω

Embora estas configurações se manifestem de forma variável de língua para língua, é possível constatar que todas as línguas têm em comum o facto de fazerem coincidir as fronteiras prosódicas de ω com fronteiras morfológicas. Assim, em (4a), o sufixo e a base estão integrados dentro de um único domínio, enquanto que em (4b) as fronteiras morfológicas da base assinalam a existência de uma PP recursiva. No primeiro caso, dizemos que o sufixo está *incorporado* na PP. No segundo caso, o sufixo integrou através de um processo de adjunção e chama-se, por isso, sufixo *adjunto*. Também os prefixos podem integrar prosodicamente através de adjunção prosódica ou através de incorporação prosódica, como ilustram os esquemas em (5).

Assumindo, então, que existem diferentes graus de integração prosódica para os afixos átonos, torna-se necessário definir critérios linguísticos que permitam fazer uma distinção fundamentada entre

afixos incorporados e afixos adjuntos. Estes critérios definem-se, uma vez mais, de língua para língua, mas assentam geralmente em três tipos de fenómenos fonológicos: i) regras fonológicas segmentais, ii) generalizações fonotáticas e iii) regras de acentuação. Vejamos, por exemplo, o caso particular de uma regra segmental extraída do Espanhol e observemos como o próprio contexto de aplicação da regra faz referência ao grau de integração dos afixos.

Em Espanhol, palavras iniciadas pela sequência consonântica /s/+Consoante (ex.: sN, sC, sT, sP, etc.) ocorrem com uma vogal epentética em posição inicial. Esta inserção é particularmente visível em empréstimos lexicais, como se pode constatar nos anglicismos apresentados em (6a-b).

- | | |
|----------------------------|---------------------------|
| (6) a. <i>esnob</i> (Esp.) | a'. <i>snob</i> (Ingl.) |
| b. <i>estrés</i> (Esp.) | b'. <i>stress</i> (Ingl.) |

A mesma vogal, contudo, também se manifesta em palavras prefixadas, desta vez em posição interna de palavra (Peperkamp 1997: 89). Veja-se, por exemplo, *inestable* 'instável' e *subestimar* 'subestimar', em (7a-b).

- | | |
|--------------------------|--------|
| (7) a. <i>in.estable</i> | (Esp.) |
| b. <i>sub.estimar</i> | |

Os exemplos em (6) e (7) permitem, pois, constatar que a vogal epentética /e/ pode ser inserida em duas posições morfológicamente distintas: em posição inicial de palavra, como no caso de *esnob* ou de *estable*, e entre fronteiras de morfema, mais especificamente entre um prefixo e uma base, como no caso de *in.estable* *sub.estimar*. Tudo parece indicar que, apesar de apresentarem estruturas morfológicas distintas, os itens lexicais em (6) e (7) apresentam propriedades fonológicas que permitem a aplicação da regra epentética.

Peperkamp (1997) define a regra epentética do Espanhol como uma regra do domínio da PP, cuja aplicação depende, de forma crucial, da existência de uma fronteira prosódica imediatamente anterior à sequência consonântica /s/+Consoante². No âmbito da teoria dos domí-

² O contexto de aplicação da regra é, na verdade, um pouco mais restrito, uma vez que a inserção da vogal epentética é ainda determinada pela transparência semântica dos prefixos. Conforme ilustra Peperkamp (1997:89), prefixos semanticamente opacos

nios prosódicos, a autora propõe as seguintes configurações prosódicas, para os exemplos em (6) e em (7).

- (8) a. [*ɛsnob*]_ω (cf. (3a)) (Esp.)
 b. [*in* [*ɛstable*]_ω]_ω (cf. (7a))

De acordo com a proposta de análise em (8), tanto a palavra simples como a palavra prefixada reúnem os critérios necessários para a inserção da vogal, tanto em posição inicial de palavra (cf. (8a)) como em posição interna de palavra (cf. (8b)). No caso específico de (8b), a inserção de uma vogal epentética entre o prefixo e a base permite concluir que existe entre o prefixo e base uma fronteira prosódica. Neste sentido, a palavra prefixada em (8b) terá de ser analisada como uma PP recursiva e o prefixo *in-* como um prefixo adjunto.

Em forma de síntese: os afixos átonos podem integrar prosodicamente através de um processo de adjunção ou de incorporação. Esta integração realiza-se geralmente no domínio da PP, uma vez que é neste domínio prosódico que se estabelece a correspondência entre a estrutura prosódica e a estrutura morfológica. A integração prosódica de afixos - quer como unidades incorporadas quer como unidades adjuntas - assenta necessariamente em diagnósticos fonológicos de natureza segmental, fonotáctica e acentual próprios de cada língua.

3 A prosodização de afixos átonos no Português Europeu

Vários estudos têm revelado que a PP constitui efectivamente um domínio prosódico necessário à definição de várias regras fonológicas do Português Europeu (daqui em diante: PE).

A atribuição do acento de palavra constitui uma das regras fonológicas que se definem no domínio interno da PP. Isso significa, no caso da acentuação, que a regra do acento de palavra opera no interior deste domínio e em obediência à ‘janela das três sílabas’. Neste sentido, a antepenúltima sílaba dos itens lexicais, em (9a-b), corresponde também à antepenúltima sílaba da PP em (9a’) e (9b’). Logo, podemos concluir que, no domínio interno deste constituinte prosódico, não é possível acentuar sílabas à esquerda da antepenúltima sílaba. A colocação do acento lexical fora da ‘janela’ indica que a sequência linguística ultrapassa a PP mínima.

parecem bloquear a aplicação da regra: *escribir* vs. *sub.scribir*. Este facto não altera, no entanto, a configuração prosódica das palavras prefixadas.

- (9) a. *casávamos*_v a'. [ca.sÁ.va.mos]_ω
 b. *bebêssemos*_v: b'. [be.bÊ.sse.mos]_ω

Outra regra fonológica, cujo contexto de aplicação é a PP, encontra-se esquematizada em (10a). Trata-se de uma restrição fonotáctica que impede a consoante palatal /k/ de ser precedida por outra consoante. Também aqui o contexto de aplicação da regra é o domínio interno da PP, uma vez que a referida restrição não se aplica nos casos em que os dois segmentos consonânticos (a palatal /k/, por um lado, e a consoante precedente, por outro) pertencem a PPs adjacentes:

- (10) a. *[...Ck...]_ω
 b. [dizem]_ω [que o [mar]_ω]_ω [lhe [causa]_ω]_ω [angústia]_ω

A partir destas e de outras regras fonológicas, é possível definir as configurações prosódicas da PP. A tipologia proposta por Vigário (2003) para o PE encontra-se exemplificada em (11). Trata-se de uma tipologia que prevê a existência de três configurações prosódicas para os afixos átonos:

- (11) Integração prosódica de afixos átonos do PE (Vigário 2003: 157-173)
 a. [base sufixo]_ω
 b. [prefixo base]_ω
 c. [prefixo [base]_ω]_ω

Os argumentos a favor da incorporação prosódica, quer se trate de sufixos quer de prefixos (cf. (11a-b)), assentam geralmente em regras fonológicas específicas, como por exemplo a redução da vogal átona e a atribuição do acento lexical, que geralmente se manifestam em sequências linguísticas que funcionam com uma única PP. No caso de (12a'-c'), verificamos que a sufixação de *-mento*, *-eza* e *-inho* conduz a uma reorganização do padrão acentual da base tanto através da deslocação, para a direita, do acento lexical como através da redução da vogal átona (Vigário 2003:164).

- (12) a. [cAsa]_ω a'. [casamEnto]_ω
 b. [bElo]_ω b'. [belEza]_ω
 c. [gAto]_ω c'. [gatInho]_ω

Também no caso dos prefixos incorporados, em (11b), a base morfológica manifesta uma redução vocálica dos seus segmentos em

resultado da prefixação. Esta redução decorre da ausência de uma fronteira prosódica entre prefixo e base (Vigário 2003:171):

- (13) a. [odor]_ω /o/, /ɔ/ a'. [inodor]_ω /u/
 b. [evitável]_ω /e/, /i/ b'. [inevitável]_ω /ə/

Pelo contrário, a adjunção prosódica (cf. (11c)) assenta num conjunto de regras fonológicas que pressupõe a existência de uma fronteira prosódica entre o afixo átono e a base. Os dados empíricos que sustentam a adjunção dos prefixos em (14), por exemplo, decorrem da regra do acento enfático (Vigário 2003:168). Conforme ilustram os exemplos em (14a'-c'), prefixos adjuntos, como *re-* e *des-*, podem receber acento enfático, ao contrário de prefixos incorporados, como *pro-*.

- (14) a. *reinspeccionar* a'. [re [inspeccionar]_ω]_ω
 b. *desflorestação* b'. [des [florestação]_ω]_ω
 c. **propor* c'. [propor]_ω

Nesta breve secção, reuniram-se alguns dos argumentos que têm sido aduzidos na literatura em favor da constituição da PP. São vários os fenómenos fonológicos, cujo contexto de aplicação se define com base neste constituinte: desde regras segmentais e restrições fonotáticas a regras de acentuação. É também a partir destes fenómenos que se determina o grau de integração dos afixos átonos do PE e se definem as configurações prosódicas da PP. A tipologia actualmente vigente para o PE, da autoria de Vigário (2003), prevê a existência de prefixos adjuntos, prefixos incorporados e sufixos incorporados.

4 Sufixos pronominais do Português Europeu

458

Cumprida uma breve revisão dos estudos anteriores, argumentarei de seguida a favor do alargamento da tipologia proposta por Vigário (2003) e, mais especificamente, a favor de uma classificação bipartida dos sufixos átonos. Conforme referido na secção anterior, a actual tipologia defende que o PE possui apenas sufixos átonos *incorporados* (cf. (11a)). Contudo, nesta secção proponho-me demonstrar que existem igualmente, no PE, sufixos átonos *adjuntos*, mais conhecidos como enclíticos pronominais.

Antes de avançar com uma nova proposta de classificação na secção 5, apresentam-se dados empíricos que, por um lado, ilustram o

estatuto flexional dos enclíticos pronominais do PE (secção 4.1) e que, por outro, revelam um comportamento fonológico atípico (secção 4.2). Será concedida especial atenção ao desencontro entre as propriedades morfológicas e fonológicas dos enclíticos. Conforme terei oportunidade de demonstrar, apesar de manifestarem um comportamento flexionalmente típico de sufixos verbais, os enclíticos pronominais bloqueiam sistematicamente regras fonológicas do domínio interno da palavra morfológica.

4.1 Propriedades flexionais dos enclíticos

O termo “clítico”, de acordo com a tipologia de Zwicky (1977), designa uma unidade funcional que, devido à falta de acento lexical, apenas pode ocorrer acompanhada de uma palavra acentuada. Alguns clíticos apresentam, além disso, uma distribuição muito restritiva. Os clíticos pronominais do Português Europeu são disso um bom exemplo, pois podem apenas ocorrer na proximidade de um verbo, conforme ilustrado em (15) e em (16). Aos clíticos pronominais que ocorrem em posição pós-verbal, chamamos enclíticos pronominais.

- (15) a. *levamos-te*
b. *perguntaste-lhe*

Vejam os traços distribucionais e morfofonológicos que nos permitem caracterizar estes enclíticos pronominais como sufixos verbais³:

i) Selectividade e adjacência

Os enclíticos pronominais apenas seleccionam bases verbais e são obrigatoriamente adjacentes ao verbo (cf. (16)). Tanto o carácter selectivo como a inseparabilidade dos enclíticos constituem traços típicos de sufixos verbais. De facto, tal como os enclíticos, também os sufixos flexionais seleccionam a categoria da base à qual se afixam e apenas podem ocorrer afixados a ela.

- (16) a. *dá-mo já*
b. **dá já mo*

³ Para uma discussão do estatuto flexional das sequências pronominais (ou grupos clíticos) do PE, veja-se Luís (2009).

ii) Alomorfa do radical

Os enclíticos interagem com o verbo de forma morfofonologicamente complexa, dando origem a um conjunto variado de formas alomórficas. A alomorfa do radical, por exemplo, tem lugar sempre que os pronomes de 1ª e de 2ª pessoa do plural são precedidos por um verbo conjugado na 1ª pessoa do plural. Neste contexto, perde-se a consoante em posição final de palavra, como ilustra (17).

- (17) a. *Vêmo-nos amanhã.* (*vêmos-nos)
 b. *Levamo-vos as malas para o hotel.* (*levamos-vos)

iii) Alomorfa do enclítico

A variação alomórfica também se manifesta ao nível do próprio enclítico (cf. (18a)). Sempre que um verbo conjugado na 3ª pessoa do plural antecede um enclítico de Complemento Directo, os enclíticos adquirem formas alomórficas iniciadas por uma consoante nasal (ex.: *-no*, *-na*, etc.). Esta alomorfa não é determinada pela forma fonológica dos verbos que antecedem o enclítico, mas sim pelo traço morfossintáctico de [3pl], conforme permite concluir o exemplo em (18b).

- (18) a. *As enfermeiras levam-no para o jardim.* (*lavam-o)
 b. *O professor tem-os visitado todos os dias*

iv) Alomorfa recíproca

No conjunto das variações morfofonológicas, deve referir-se ainda a incidência de alomorfa ‘recíproca’. Este tipo de alomorfa apenas se regista no interior da sequência verbo-enclítico e manifesta-se sempre que verbos terminados em *-s*, *-z* ou *-r* antecedem um pronome enclítico de Complemento Directo, de 3ª pessoa, singular ou plural:

- (19) a. *Procurámo-lo todo o dia, mas sem sucesso.* (*procuramos-o)
 b. *Comê-lo, parece-me uma boa ideia.* (*comer-o)

v) Mesóclise

O enclítico pode ainda ocorrer no interior de formas verbais flexionadas e inserir-se entre a base verbal e os marcadores de TMA. Neste contexto, regista-se a incidência de alomorfa recíproca entre um enclítico de 3ª pessoa, de Complemento Directo, e o radical do verbo:

- (20) *A canção, cantá-la-ei no dia do teu aniversário.* (*cantar-o-ei)

Em síntese, os enclíticos pronominais apresentam um conjunto de traços tipicamente flexionais: (a) têm de ser adjacentes ao verbo, (b) podem ocorrer entre o radical e os marcadores de tempo, modo e aspecto, (c) estão sujeitos a variação alomorfa e d) induzem alomorfa no radical. Importa salientar que, neste caso, a alomorfa é gramaticalmente e morfossintacticamente condicionada, tanto ao nível do enclítico como do verbo, permitindo reforçar ainda mais a nossa tese de que os enclíticos constituem, efectivamente, sufixos verbais (Luís&Spencer 2005, Luís 2004).

4.2 Comportamento fonológico dos enclíticos

Uma observação atenta das propriedades fonológicas dos enclíticos permite concluir que estas unidades, apesar dos seus traços flexionais, bloqueiam sistematicamente regras fonológicas do domínio interno da palavra morfológica. Os enclíticos pronominais do PE constituem, portanto, unidades linguísticas com “dupla personalidade”. Para o presente estudo, importa então compreender o funcionamento destas unidades na sua expressão fonológica.

Do conjunto das regras fonológicas bloqueadas pela sequência verbo-enclítico, fazem parte (i) a ditongação nasal em posição final de palavra, (ii) a centralização da vogal /e/ depois de consoante palatal, (iii) a atribuição do acento lexical fora da ‘janela das três sílabas’ e ainda (iv) a restrição fonotáctica antes de palatal⁴.

(i) A ditongação nasal

Os ditongos nasais do PE têm sido analisados na literatura como segmentos que ocorrem no domínio interno da palavra morfológica, em posição final de palavra (cf. (21)) (Mateus 1975, Mateus&d’Andrade 2000; Vigário 2003). Em posição interna de palavra, pelo contrário, apenas se regista a ocorrência de monotongos nasais (cf. (22)):

- (21) a. [perguntam]_o /ã õ/

b. [servem]_o /ẽ ã/

- (22) a. [tentar]_o /ẽ/

b. [cantar]_o /ã/

⁴ Daqui em diante, o termo enclítico é usado com valor meramente descritivo.

(iv) Restrição fonotáctica antes de palatal

O domínio da PP impõe igualmente restrições fonotáticas à distribuição da palatal λ . Esta consoante pode ocorrer em posição intervocálica no interior da PP, como exemplificado em (28).

- (28) a. *palha* a'. [*palha*]_o
 b. *molho* b'. [*molho*]_o

Porém, no domínio interno da palavra morfológica, a palatal λ não pode ser antecedida por consoante, como ilustra o esquema em (29).

- (29) * [...C λ ...]_o

Já os enclíticos *-lhe*, *-lhes*, bem como as respectivas formas amalgamadas (ex.: *lho*, *lhas*), desrespeitam claramente esta restrição, uma vez que podem combinar livremente com verbos, independentemente da sua estrutura segmental em posição final de palavra:

- (30) a. *levamos-lhe*
 b. *cantar-lhe*

As regras fonológicas apresentadas nesta secção têm como domínio de aplicação a palavra morfológica ou PP lexical. Por este motivo, o simples facto de os enclíticos pronominais violarem, sem excepção, cada uma destas regras, fragiliza para alguns autores a abordagem flexional. Perante o bloqueio sistemático das regras, Vigário (2003), por exemplo, tem recusado atribuir aos enclíticos pronominais estatuto lexical, remetendo estas unidades para a componente pós-lexical.

Devo, no entanto, chamar a atenção para um facto evidente, no que diz respeito ao *corpus* apresentado na secção 4.1: a variação alomórfica que se estabelece entre o verbo e o enclítico está intrinsecamente dependente das propriedades morfossintáticas e gramaticais das unidades intervenientes. Não é, por isso, viável atribuir aos enclíticos estatuto frásico, tal como não é praticável analisar os casos de alomorfia fora da componente estritamente morfológica⁵. Neste sentido, qualquer que seja a explicação para o comportamento fonológico dos enclíticos,

⁵ A improbabilidade de mecanismos linguísticos pós-lexicais ou sintagmáticos oferecerem uma análise rigorosa e exaustiva de fenómenos genuinamente alomórficos é discutida em Booij (2004) e Bermúdez-Otero (em prep.).

é imperativo salvaguardar a natureza genuinamente flexional das unidades pronominais.

5 A integração prosódica dos sufixos pronominais: uma proposta de adjunção lexical

O comportamento fonológico observado na secção 4.2, advém, em meu entender, do grau de integração prosódica dos enclíticos pronominais. Conforme ilustra a configuração em (31), existe entre o verbo e o sufixo átono uma fronteira prosódica que dá origem a uma estrutura prosódica recursiva. Isso significa que os enclíticos ficam localizados fora do domínio da PP mínima/não-recursiva. A minha proposta de análise defende ainda que os processos fonológicos do PE referidos na secção 4.2 (entre eles, a ditongação, a centralização, a acentuação e a restrição fonotáctica antes de palatal) têm justamente como domínio de aplicação a PP mínima. Assim, de acordo com a minha análise, a não-aplicação dos referidos processos fonológicos advém do facto de os enclíticos (ou sufixos pronominais) se situarem fora do domínio da PP mínima, isto é, fora do domínio de aplicação das regras fonológicas.

(31) Configuração prosódica da sequência verbo+enclítico

[[*verbo*]_ω-*suf*]_ω

Começando pela ditongação da vogal nasal, defendemos que esta regra não opera no final de uma palavra morfológica, ao contrário do que têm defendido estudos anteriores. Em vez disso, propomos que o contexto de aplicação seja definido prosodicamente, mediante a distinção entre PP mínima e PP recursiva: tanto em (32a) como em (32b), a ditongação aplica-se quando a vogal nasal se situa no interior do domínio mínimo/não-recursivo da PP, imediatamente antes de uma fronteira prosódica do tipo]_ω. Perante a ausência de uma fronteira prosódica, como em (32c), a ditongação é bloqueada.

(32) a. [[*batem*]_ω-*te*]_ω

b. [*batem*]_ω

c. [*batente*]_ω

Quanto ao processo de centralização da vogal /e/, a configuração em (33a) permite ver que esta regra segmental é bloqueada sempre que

exista uma fronteira prosódica entre a vogal /e/ e a consoante palatal. Logo, nos casos em que tanto a vogal /e/ como a consoante palatal se situam num domínio não-recursivo da palavra prosódica, como em (33b), a regra aplica-se.

- (33) a. $[[dê]_{\omega} - lha]_{\omega}$
 b. $[telha]_{\omega}$

No que diz respeito à atribuição de acento lexical, proponho igualmente a presença de uma fronteira prosódica entre o verbo e o enclítico, conforme ilustrado em (34a). Através desta configuração, o enclítico é posicionado fora do domínio da regra acentual. Neste contexto, o enclítico não será visível à referida regra e não terá, por isso, qualquer efeito na colocação do acento.

- (34) a. $[[levávamos]_{\omega} - te]_{\omega}$
 b. $[levávamos]_{\omega}$

Por fim, quanto à restrição fonotáctica antes de palatal, a configuração proposta em (35b) revela que a restrição apenas se aplica quando a consoante palatal e a consoante precedente pertencem à mesma PP. Em (35a), no entanto, a restrição não se aplica devido à presença de uma fronteira prosódica entre os dois segmentos.

- (35) a. $[[dizemos]_{\omega} - lhe]_{\omega}$
 b. $[...C\lambda...]_{\omega}$

Mediante a configuração prosódica proposta em (31), é assim possível dar conta dos dados fonológicos observados na secção 4.2, bem como preservar o estatuto flexional do enclítico apresentado na secção 4.1. Importa ainda salientar que em nenhum momento da exposição foi necessário optar por uma análise pós-lexical para captar o comportamento fonológico dos enclíticos.

6 Síntese

Com este artigo propus-me investigar a correspondência entre estrutura morfológica e estrutura fonológica dos enclíticos pronominais do PE, no âmbito da teoria dos domínios prosódicos. Tendo em conta a complexidade estrutural dos enclíticos, foi meu objectivo demonstrar

que os sufixos átonos do PE podem apresentar graus de integração prosódica variáveis. Como ilustra a configuração prosódica em (31), proponho a existência, no PE, de dois tipos de sufixos átonos: por um lado, os sufixos pronominais, que estabelecem com o verbo uma relação prosódica de *adjunção* no âmbito do nível lexical; por outro, os sufixos comuns, que, conforme proposto em Vigário (2003), estabelecem uma relação prosódica de *incorporação* igualmente lexical.

A classificação bipartida dos sufixos átonos e, muito em particular, a adjunção prosódica dos enclíticos, permite desenvolver mecanismos passíveis de serem alargados a outras estruturas linguísticas, como por exemplo, as formas verbais mesoclíticas que correspondem igualmente a estruturas prosódicas lexicais (Luís&Spencer 2005, Luís 2004). Outros trabalhos entretanto em curso, nomeadamente Bermúdez-Otero&Luís (2009), pretendem confirmar que a proposta é igualmente corroborada pelo comportamento fonológico dos proclíticos, apesar de estes constituírem unidades pós-lexicais adjuntas à PP (Luís&Spencer 2005, Luís 2009). Em síntese, a proposta avançada no presente estudo dá conta do comportamento dos enclíticos, integrando adequadamente a especificidades das estruturas mesoclíticas e proclíticas.

7 Bibliografia

- S. Anderson, *Aspects of a Theory of Clitics* (Oxford: Oxford University Press, 2005).
- M. Aronoff, S. N. Sridhar, 'Morphological Levels in English and Kannada or Atarizing Reagan', in J. F. Richardson et. al. (eds.), *Papers from the Parasession on The Interfaces of Phonology, Morphology and Syntax* (Chicago, CLS, 1986).
- R. Bermúdez-Otero, *Stratal Optimality Theory* (Oxford: Oxford University Press, em prep.)
- R. Bermúdez-Otero, A. R. Luís, 'Cyclic domains and prosodic spans in European Portuguese encliticization', comunicação apresentada na Old World Conference in Phonology (OCP6), Universidade de Edimburgo, 2009.
- G. Booij, 'Review article of Marina Vigário, The Prosodic Word in European Portuguese', *Journal of Portuguese Linguistics* 3:1 (2004).
- G. Booij, 'Cliticization as Prosodic Integration: The Case of Dutch', *The Linguistic Review* 13 (1996) 219-242.
- N. Chomsky, M. Halle, *The Sound Patterns of English* (Cambridge, MA.: MIT Press, 1968).
- A. Hall, 'Phonotactics and the Prosodic Structure of German Function Words', in A. Hall and U. Kleinhenz (eds.), *Studies on the Phonological Word* (John Benjamins: Amsterdam 1999) 99-131.
- A. Hall, U. Kleinhenz, *Studies on the Phonological Word* (John Benjamins: Amsterdam, 1999).
- F., Leeuw, *Clitics: Prosodic Studies* (The Hague: Holland Academic Graphics, 1999).
- A. R. Luís, 'Patterns of clitic placement', in P. Epps and A. Arkhipov (eds.), *New Challenges in Typology* (Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2009).
- A. R. Luís, 'Para uma redefinição da sufixação no Português Europeu: a adjunção prosódica do enclítico', comunicação apresentada no 22. Encontro Anual da Associação Portuguesa de Linguística, Coimbra, 2006.
- A. R. Luís, *Clitics as morphology* (University of Essex, 2004).
- A. R. Luís, A. Spencer, 'A Paradigm Function Account of 'Mesoclisism' in European Portuguese (EP)', in G. Booij and J. Marle (eds.), *Yearbook of Morphology 2004* (Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2005).

- P. Kiparsky, 'Lexical Morphology and Phonology', in I. Yang (ed.), *Linguistics in the Morning Calm* (Seoul: Hanshin, 1982) 3-91.
- M. H. Mateus, E. d'Andrade, *The Phonology of Portuguese* (Oxford: OUP, 2000).
- M. H. Mateus, *Aspectos da Fonologia Portuguesa* (Lisboa: INIC, 1975).
- K. Mohanan, *The Theory of Lexical Phonology* (Dordrecht: Reidel, 1986).
- M. Nespór, I. Vogel, *Prosodic Phonology* (Dordrecht: Foris, 1986).
- S. Peperkamp, *Prosodic Words* (The Hague: Holland Academic Graphics, 1997).
- E. Selkirk, 'The Prosodic Structure of Function Words', in J. Beckham et al. (eds.), *Papers in Optimality Theory* (University of Massachusetts Occasional Papers 18, Amherst MA: GSLA, 1995) 439-469.
- E. Selkirk, *The Phrase Phonology of English and French* (Bloomington: IULC, 1972).
- M. Vigário, *The Prosodic Word in European Portuguese* (Berlin: Mouton de Gruyter, 2003).
- M. Vigário, 'Pronominal Cliticization in European Portuguese: a Postlexical Operation'. *Catalan Working Papers in Linguistics* 7 (2003) 219-237.
- A. Zwicky, *On Clitics* (Indiana University Linguistics Club, 1977).